

Todo professor mora em uma pessoa, todo aluno mora também.

Rosaura Soligo

Ontem ouvi histórias de duas professoras, Tamara Pina e Cristina Campos, que em poucas horas me fizeram visitar, uma a uma, todas as escolas que me habitam. As primeiras como aluna, as outras como professora também. Comecei lá por Ururaí, a vila em que morei na infância e onde estudei com meninos e meninas da roça, em turma multisseriada até. Depois, na cidade meio grande, em uma classe só de meninas, fato inexplicável que até hoje não entendi. Daí foi a garagem da Dona Rosa, professora de Admissão, e em seguida o Barão. Mais adiante, muitas cidades além, no rumo do noroeste, foi a escola mais escola em minha vida, porque tinha o que fazer além da sala de aula, coisa melhor do mundo. Então passei pelo cursinho lá em Ribeirão – ah! Charles... ah! Praça XXV... ah!... – e por uma instituição estranha do outro lado da mesma rua. E a faculdade de psicologia enfim, tempo das paixões pulsantes e educativas, e depois a de pedagogia, morna, insossa, esquecível. Aí a primeira escola como professora, na ponta da periferia da Vila. A outra era mais adiante, onde pela primeira vez ensinei a ler, se é mesmo que ensinei. Depois a outra, já na capital, na extrema Zona Leste, lá para os lados da divisa. E a seguinte, numa avenida central, onde conheci a humilhação disfarçada de conselho bom: fui tratada como professorinha iludida – ô coisa ruim de aguentar. Por fim, um lugar de plena glória: virei celebridade instantânea, convidada a dar depoimento em eventos e entrevista para a tevê: de professorinha inocente para docente senhorinha de si em menos de meio ano – ô vingança boa caída no colo, sem sequer premeditar! Como era de se esperar, a visita terminou na querida e derradeira, uma deliciosa escola inventada, do jeito que tem de ser.

Foram quinze escolas somente, cada qual com uma lição ao menos. Pela ordem cronológica, para o bem ou para o mal, são estes os ensinamentos.

Receber lanchinho da nona bisca pela cerca, na hora do recreio, aos seis anos de idade, simplesmente não tem preço. Apartar meninos de meninas é uma providência esquisita que só faz aproximá-los. Copiar à exaustão redações da professora, para reproduzir de memória talvez algum belo dia, configura crime hediondo e inafiançável contra a linguagem. Uma grande escola pode ser a janela aberta para algum futuro possível. A sala de aula que nos toca, que nos forma e nos transforma quase sempre se situa da porta para bem fora. Há professores atores, que atuam em grandes palcos, para esperanças plateias pré-vestibulares. E há lugares que não são escolas nem palcos, são fábricas tão somente. A melhor de todas as escolas é a que nos enche de encantos e paixões inesquecíveis. E a pior, com certeza, é a que não consegue provocar nenhum acontecimento digno de nota. Impossível esquecer a primeira aula que a gente dá. Sim, um aluno pode nos mandar para aquele lugar, levar um esbregue sem precedente e depois de algum tempo ficar tudo muito bem. Só as crianças podem nos ensinar quem são e, às vezes, também quem somos. Alguns alunos nos arrastam para uma luta feroz a favor de um destino melhor para eles. Escolas inventadas e encantadas existem.

A maior de todas as lições? Ah! Uma de grande simplicidade: todo professor mora dentro de uma pessoa, todo aluno mora também e só esta consciência amorosa pode salvar a escola. É o que a vida me ensinou.

'Pipoca pedagógica' é um gênero praticado pelo grupo de professores que participa do Gepec (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada) da Faculdade de Educação/Unicamp. É um tipo de crônica do cotidiano escrita por professores, uma breve narrativa de acontecimentos que têm lugar na escola e cujos protagonistas são o aluno, o professor e principalmente a relação entre ambos. Trata-se de outro tipo de registro da experiência docente, bem diferente dos registros mais formais com os quais estamos habituados: neste tipo de texto o autor não faz uma reflexão explícita, mas narra uma história, um episódio da história de sua prática pedagógica, que pode suscitar uma reflexão no leitor.